

Representações sociais de docência fomentadas pela mídia durante a pandemia de Covid-19

Representaciones sociales de la enseñanza promovidas por los medios de comunicación durante la pandemia de Covid-19

Social representations of teaching instigated by the media during the Covid-19 pandemic

[Luiza Souza dos Santos](#)  [Camila Lima Miranda](#) 

Destaques

As representações sociais possibilitam que os grupos sociais nomeiem, interpretem e ajam perante o mundo.

As mídias sociais fornecem aporte para construção e compartilhamento de representações sociais.

Os professores foram retratados como se não quisessem trabalhar durante a pandemia de Covid-19.

Resumo

O manuscrito relata uma pesquisa que visou compreender as possíveis representações sociais sobre a docência expressas em uma rede social, identificando o papel da mídia na construção dessas representações sociais. A coleta de informações se deu em um perfil jornalístico do município de Uberaba (Minas Gerais). Foram selecionados 1.163 comentários e analisados 319 relacionados aos professores. Como resultados, os professores foram retratados como profissionais que não querem ou gostam de trabalhar, que recebem sem exercer sua profissão e que não deveriam ter prioridade na vacinação antes de outras profissões. Foi possível compreender, ainda, que o conteúdo das reportagens influenciou como o grupo social de usuários desse perfil representou a docência.

[Resumen](#) | [Abstract](#)

Palavras-chave

Representação Social. Docência. Rede Social. Pandemia.

Recebido: 22.07.2024

Aceito: 27.03.2025

Publicado: 16.04.2025

DOI: <https://doi.org/10.26512/lc31202554959>

Notas introdutórias

A pandemia de doença por coronavírus 2019 ou *Corona Virus Disease 2019* (Covid-19), nome que deu origem a sigla em inglês adotada mundialmente, tornou-se um dos maiores desafios vivenciados do século XXI. Os impactos dessa doença ainda são imensuráveis, mas atingiram tanto direta quanto indiretamente a saúde, a educação e a economia da população mundial (Pires-Brito et al., 2020).

Houve a adoção de medidas de distanciamento social, cuja intenção foi diminuir ou interromper a cadeia de transmissão da doença pelo distanciamento físico entre indivíduos infectados e saudáveis, além da proteção de indivíduos em risco de desenvolver a forma grave da doença, como idosos e pessoas com comorbidades. Nessas medidas, foram incluídas o cancelamento de eventos, fechamento de escolas e locais de trabalho de forma temporária, priorizando o teletrabalho, bloqueio de fronteiras e a recomendação para a população ficar em casa (Silva et al., 2020). No movimento de fechamento físico das escolas houve a adoção do chamado ensino remoto. A esse respeito, cabe destacar que:

[...] a expressão *ensino remoto* passou a ser usada como alternativa à educação a distância (EAD). Isso, porque a EAD já tem existência estabelecida, coexistindo com a educação presencial como uma modalidade distinta, oferecida regularmente. Diferentemente, o “ensino” remoto é posto como um substituto excepcionalmente adotado neste período de pandemia, em que a educação presencial se encontra interdita. [...] determinadas condições primárias precisariam ser preenchidas para colocar em prática o “ensino” remoto, tais como o acesso ao ambiente virtual propiciado por equipamentos adequados (e não apenas celulares); acesso à internet de qualidade; que todos estejam devidamente familiarizados com as tecnologias e, no caso de docentes, também preparados para o uso pedagógico de ferramentas virtuais. (Saviani & Galvão, 2021, p. 38)

A pandemia da Covid-19 escancarou os grandes desafios do sistema de ensino em todo o Brasil. No decorrer do período pandêmico os professores viram a necessidade de elaborar atividades não presenciais, de criarem laços afetivos e pedagógicos com os alunos a partir de grupos de *WhatsApp*, *Classroom* entre outros, de modo a contemplar o “ensino remoto”. Também se destaca que o ensino remoto assumiu diversos formatos no Brasil, nem sempre por meio de plataformas virtuais, mas também de materiais impressos, ou de forma híbrida, mesclando atividades online e impressas.

Durante o período de isolamento social, as mídias sociais tiveram papel fundamental no fornecimento de informações e no cotidiano das pessoas. Plataformas como o *Facebook* e o *Instagram* tornaram-se centrais para que pessoas pudessem permanecer conectadas mesmo durante crises como a vivenciada. Destaca-se, ainda, que o uso dessas plataformas, intensificado durante a pandemia, foi observado nos anos anteriores por parte da população brasileira, seja para acompanhar notícias, passar o tempo ou realizar troca de ideias e informações com outras pessoas.

As mídias sociais foram e ainda são facilitadoras da comunicação (Alexandre, 2001). Desse modo, as mídias sociais podem ser contempladas, ainda, enquanto disseminadoras de mensagens, informações, imagens e possuem o poder de influenciar opiniões e atitudes (posicionamento) através de comunicações direcionais como a imprensa, rádio, jornal, televisão, redes sociais, entre outros (Silva & Ichikawa, 2019).

Nesta direção, a pesquisa, aqui relatada, foi desenvolvida a partir de inquietações acerca do modo como os professores eram retratados em comentários existentes em um perfil jornalístico de uma rede social, no contexto da pandemia de Covid-19, o que possibilitou identificar o papel da mídia na construção dessas representações sociais.

| As Representações Sociais e o papel da mídia

A Teoria das Representações Sociais (TRS) foi idealizada por Serge Moscovici na França, na década de 60, com um trabalho que tinha como principal objetivo compreender as representações sociais da psicanálise entre diferentes grupos sociais na sociedade francesa (Moscovici, 1978).

De acordo com Arruda (2002), a definição mais consensual entre os pesquisadores do campo de representações sociais é a de Denise Jodelet (2001, p. 22), a qual entende por representações sociais:

[...] sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e nas transformações sociais. [...] como o produto e processos de uma atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento e da elaboração psicológica e social da realidade. Isto quer dizer que nos interessamos por uma modalidade de pensamento, sob seu aspecto constituinte, os processos, e constituído, os produtos ou conteúdo. Modalidade de pensamento que tem sua especificidade em seu caráter social.

A proposta contida na TRS refere-se ao estudo de um fenômeno específico e delimitado: as teorias do senso comum, buscando compreender como se situa o conhecimento mobilizado na comunicação informal (Alves-Mazzotti, 2008; Arruda, 2002; Guareschi, 2000; Jodelet, 2001; Miranda et al., 2019; Ortiz & Magalhães Júnior, 2018). Sendo importante frisar que “as representações sociais não são apenas “opiniões sobre” ou “imagens de”, mas teorias coletivas sobre o real, sistemas que têm uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações baseada em valores e conceitos” (Alves-Mazzotti, 2008, p. 62). Para Jodelet (2001), as representações sociais guiam os grupos sociais para nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos do dia a dia, no modo de interpretá-los, em tomadas de decisões e eventualmente, em posicionar-se frente a esses aspectos. Para Jodelet (2001, p. 22), a representação pode ser compreendida como “uma forma de conhecimento que será socialmente elaborada e partilhada

pelo grupo social, possuindo um objetivo prático, e que desse modo, contribui para a edificação de uma realidade usual a um determinado conjunto social”.

Dessa maneira, pode-se afirmar que as representações são o resultado das interações e comunicações do cotidiano de grupos sociais. Conforme Miranda et al. (2019, p. 143), as representações sociais são “construídas a partir da comunicação entre os sujeitos, por sua natureza, não podem ser criadas por um indivíduo isoladamente, mas apresentam um caráter social de construção, e, como resultado, guiam os indivíduos em suas práxis diárias”.

As representações sociais se expressam tanto na comunicação informal quanto na comunicação formal, sendo a informal a comunicação realizada por meio de rádio, conversas entre amigos e telefonemas. Já as publicações realizadas em mídias sociais por veículos de imprensa, por exemplo, tratam-se de uma comunicação formal, que, segundo Guareschi (2000), torna-se um local de armazenamento privilegiado de representações sociais, no qual qualquer sujeito interessado pode buscá-las. Por sua vez, os comentários tecidos em mídias sociais podem ser compreendidos como uma comunicação informal onde as representações sociais podem surgir e se estabelecer.

A rede social *Facebook* é uma das mídias sociais que contribuem para a construção das representações sociais, isso porque permite que os indivíduos interajam entre si com a realização de comentários em publicações. O *Facebook* é um dos meios de comunicação de massa. De acordo com Alexandre (2001, p. 113) “[...] a comunicação de massa é dirigida a um grande público (heterogêneo e anônimo), além disso, atingem simultaneamente uma vasta audiência em um curto espaço de tempo, envolvendo milhares de pessoas no processo”. Conforme Jodelet (2001, p. 12), “a comunicação social, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos aparece como condição de possibilidade e de determinação das representações sociais e dos pensamentos sociais”.

Uma representação social possui uma dimensão individual na medida em que ela necessita ancorar-se em sujeitos para que ela possa ser entendida como existente (Guareschi, 2000). A comunicação social possui papel primordial nos fenômenos das representações, no âmbito de seu surgimento e estabelecimento. As representações sociais se apresentam de diferentes modos e em diferentes meios. Os modos seriam como se apresentam, os hábitos, costumes e cognições individuais. Já os diferentes meios seriam como as representações sociais seriam levadas às pessoas. Pode-se dizer que as mídias sociais são excelentes meios para conduzir as representações sociais até os sujeitos (Guareschi, 2000).

É possível observar que as mídias sociais fornecem grande aporte enquanto local de construção e compartilhamento de representações sociais entre os indivíduos que delas utilizam. Atuam de forma mais efetiva no cotidiano dos sujeitos, colaborando significativamente no processo de construção das representações sobre o mundo em que se inserem (Milanez, 2008). Permitem, ainda, que os sujeitos em seu âmbito privado possuam acesso a informações e conteúdos

sociais específicos, além de terem acesso a novos meios de produção de conceitos e comportamentos.

Esse movimento permite uma diversidade maior de representações, uma vez que os profissionais de comunicação utilizam critérios e recursos para selecionar, enfatizar e interferir na construção simbólica dos acontecimentos. Desse modo, pode-se inferir que as mídias sociais podem causar forte influência nas representações sociais nos indivíduos (Almeida, 2005; Guareschi, 2000). Assim, as representações sociais, que podem ser criadas e mantidas pelas influências sociais da comunicação, podem formar realidades em nossas vidas, além de contribuírem como principal elo para estabelecer conexões pelas quais as pessoas se relacionam e se ligam umas com as outras (Guareschi, 2000; Moscovici, 1978).

Procedimentos metodológicos

O presente artigo relata parte de uma pesquisa de Mestrado da primeira autora, orientada pela segunda autora desse manuscrito. O estudo desenvolvido foi de natureza qualitativa, entendida como aquele que investiga o universo de significados dos fenômenos atribuídos pelos participantes da pesquisa (Minayo, 2002).

A coleta de informações se deu em um perfil jornalístico do município de Uberaba em Minas Gerais (MG), em uma página aberta do *Facebook*. A escolha desta comunidade ocorreu por sua representatividade na cidade. O perfil possui cerca de 265.500 inscritos, correspondendo a 78,6% do total da população, que, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, possui 337.846 habitantes (IBGE, 2023). O perfil foi criado em fevereiro de 2012, com o intuito de divulgar informações da cidade e região. Essa comunidade divulga conteúdos jornalísticos diariamente referentes a diversos assuntos.

A inserção na comunidade se deu através de uma prática de *lurking* (entrar em uma comunidade apenas como observador, sem participação ativa) ou de forma “silenciosa”, para que não houvesse interferência nas relações e práticas sociais existentes na comunidade virtual, sobretudo para não gerar nenhuma interferência na produção de discursos/comentários (Fragoso et al., 2011).

Foram observadas publicações e comentários referentes ao período de fechamento e reabertura das escolas da cidade de Uberaba durante o momento pandêmico, entre os meses de março de 2020 a fevereiro de 2022. Na seleção dos comentários, evidenciaram-se aqueles que faziam referência aos professores, ao fechamento e abertura das escolas, sobre vacinação e sobre os alunos. Torna-se importante destacar que o fechamento e reabertura das escolas esteve atrelado à vacinação, de modo que os comentários acerca dessa temática foram considerados na seleção. Como critério de exclusão, não foram utilizados comentários que não se enquadravam nos termos citados anteriormente. Ainda na fase de organização, os comentários foram organizados em uma planilha contendo em suas colunas os campos de preenchimento: data da publicação; assunto principal; comentário selecionado.

A análise dos dados se baseou na Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), a qual é composta por uma diversidade de técnicas de análise de comunicações, mas que pode ser dividida genericamente em três etapas, sendo elas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. A pré-análise compreende o primeiro contato com o material, emergindo as impressões iniciais que conduzem às demais etapas. Na exploração do material os dados brutos são lapidados e organizados em unidades que se assemelham em conteúdo, ou seja, possuem características em comum entre si. Citando Bardin (1977, p.177), “[...] a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero, com os critérios previamente definidos”. Em seguida, parte-se para o tratamento dos resultados que foram alcançados na etapa anterior, as inferências e as possíveis interpretações.

Foram selecionados 1.163 comentários e criadas cinco categorias a partir da análise dos comentários, sendo elas: a) fechamento das escolas em Uberaba–MG; b) vacinação; c) abertura das escolas em Uberaba–MG; d) professores/ docência; e) alunos, todos os comentários estavam em publicações da página investigada. O critério utilizado foi o semântico, exemplo: todos os comentários que faziam menção aos professores foram agrupados na categoria “professores/docência”. A Tabela 1 explicita a quantidade de comentários em cada categoria definida durante as análises.

Tabela 1

Quantitativo de comentários em cada categoria estabelecida

Categorias	Total de comentários em cada categoria
Fechamento das escolas em Uberaba – MG	3
Vacinação	259
Abertura das escolas em Uberaba – MG	512
Professores/ docência	319
Alunos	70

Fonte: as autoras.

A partir dos dados compilados na tabela acima, observou-se um volume considerável de comentários relacionados aos professores (319 comentários), assim, somente esses foram discutidos no estudo aqui relatado.

A sistematização dos dados produzidos: o exercício da docência e a visão da população de Uberaba fomentada pela mídia local

Ao todo, a partir da análise dos dados, foram criadas seis categorias no que se refere aos docentes. Das seis, uma apresenta duas subcategorias. Dos 319 comentários analisados sobre os professores, quinze não puderam ser categorizados por apresentarem conteúdos truncados e/ou representarem visões distantes das consensuais observadas. A Tabela 2 indica a quantidade de

comentários tecidos em cada categoria criada. Observa-se que a categoria “professor não quer trabalhar” foi a mais expressiva entre as seis estabelecidas.

Tabela 2

Relação entre as categorias criadas e o número de comentários presentes em cada uma delas

Categoria	Subcategoria	Número de comentários
Escola como depósito de alunos		7
Professor não quer trabalhar		163
Vacinação	Prioridade	19
	Não devem ter prioridade	50
Precarização		37
Valorização		23
Isonomia		5

Fonte: as autoras.

Na categoria “escola como depósito de alunos” estão presentes o total de sete comentários, os quais apresentam semelhanças, como vislumbrar o professor apenas como cuidador dos alunos, como se observa no seguinte excerto: “[...] resumindo: estou cansada do meu filho em casa, se cortando. Não quero ter diálogo com ele, nem buscar ajuda, não tenho paciência para meu filho, vou pagar a babá. Ops... a Professora para olhar” (Comentário 56).

Destaca-se que a ironia foi uma marca presente nesses comentários, o que pode indicar que esses sujeitos não concordam com essa representação social de docência, mas que ancoram o modo como a sociedade age perante os docentes nessa visão. As pessoas que manifestaram tais comentários possivelmente tiveram contato com outros sujeitos e/ou informações com o teor dessa representação. Libâneo (2012, p. 23), ao discutir a escola pública, aponta algumas características que podem explicar o modo como os professores são retratados.

[...] caracterizada por suas missões assistencial e acolhedora (incluídas na expressão educação inclusiva), transforma-se em uma caricatura de inclusão social. As políticas de universalização do acesso acabam em prejuízo da qualidade do ensino, pois, enquanto se apregoam índices de acesso à escola, agravam-se as desigualdades sociais do acesso ao saber, inclusive dentro da escola, devido ao impacto dos fatores intraescolares na aprendizagem. Ocorre uma inversão das funções da escola: o direito ao conhecimento e à aprendizagem é substituído pelas aprendizagens mínimas para a sobrevivência.

Nesse esvaziamento da função da escola pública, observa-se, também, o deslocamento da função docente na sociedade, antes considerado um dos principais agentes na construção e socialização dos conhecimentos acumulados pela humanidade, agora com função restrita ao cuidado (Almeida & Pimenta, 2011; Libâneo, 2012; Saviani & Galvão, 2021).

A categoria “professor não quer trabalhar” soma o total de 163 comentários. A representação mais dominante nos comentários tecidos considera os professores como profissionais que não querem trabalhar, que estão recebendo salário sem exercer sua profissão e, deveriam ser demitidos e/ou terem seus salários cortados. Cabe destacar, que durante o período pandêmico milhares de brasileiros tiveram sua renda salarial diminuída ou cortada (Barbosa et al., 2020). Conforme Ortiz e Magalhães Júnior (2018, p. 32), “[...] as representações sociais apresentam um papel de convenção, ao dar forma, de acordo com a realidade, a um fenômeno, auxiliando a interpretá-lo em relação a outros”. Assim, pode-se supor que tal evento tenha levado esses sujeitos a tecerem esses comentários, ao não compreenderem o papel do Estado na diminuição desses impactos, centralizaram no indivíduo (professor) suas queixas.

Outro ponto que pode ter influenciado tais comentários foi a organização repentina da vida para o trabalho em casa por grande parte da sociedade brasileira. Com o evento do fechamento das escolas, para tentar evitar o contágio pela Covid-19, as atividades escolares ocorreram remotamente e com o auxílio dos professores durante meses. Nesse sentido, “[...] o envolvimento e desenvolvimento do papel da família em aulas remotas apresentam transformações no que se refere à atuação destes pais de maneira efetiva para que os filhos participem das aulas” (Lunardi et al., 2021, p. 1). Com o advento das aulas remotas e atividades não presenciais do dia para a noite, diversos pais se viram tendo que ter uma participação mais ativa na vida dos filhos, o que pode ter oportunizado a visão desses sujeitos para o processo de ensino-aprendizagem e uma maior preocupação na vida escolar dos filhos. O excerto, “[...] Só quem tem filho sabe o que é a preocupação de eles não estarem aprendendo absolutamente nada” (Comentário 22), evidencia tal preocupação. Saviani e Galvão (2021, pp. 42-43) apontam, ainda, que:

[...] no “ensino” remoto, ficamos com pouco ensino, pouca aprendizagem, pouco conteúdo, pouca carga horária, pouco diálogo. Em contrapartida, temos muitas tarefas. Do lado dos alunos, estes supostamente passam a ser “autônomos” e vão em busca do próprio conhecimento, assoberbados com a multiplicação de leituras, vídeos, podcasts, webinários etc. [...] Já do lado dos docentes, estes estão abarrotados de trabalhos para corrigir, mensagens de e-mails e aplicativos, fóruns de ambientes virtuais e outros para dar conta.

É importante enfatizar que a educação remota se refere à distância espacial e o que foi feito durante o período pandêmico, trata-se de um ensino remoto emergencial, o qual foi uma solução temporária (Lunardi et al., 2021).

A categoria “vacinação” foi a única que esboçou subcategorias, com representações opostas, sendo elas: “Prioridade para o retorno seguro!”, onde foram agrupados 19 comentários, e “Não devem ter prioridade!” com 50 comentários. Sendo que a subcategoria mais representativa foi a que os sujeitos demonstraram ter representações de que professores não deveriam ter prioridade na vacinação, como ilustra o seguinte excerto:

[...] eu queria entender por que os professores acham que tem que ser priorizados nas vacinas. Alguns setores nunca pararam, como supermercado,

coleta de lixo, frentistas e outros profissionais. Nunca ficaram em casa, e não vejo ninguém pensando que eles teriam que ser prioridade. (Comentário 18)

Na subcategoria que diz respeito a prioridade da vacinação para um retorno mais seguro das aulas presenciais, os sujeitos entendem que é necessário vacinar esses profissionais da educação para a segurança de todos os envolvidos no âmbito escolar, como se observa em: “[...] Se a educação fosse realmente prioridade os professores e servidores que atuam na escola deveriam ser os primeiros a tomarem a vacina” (Comentário 14).

Na categoria “precarização do trabalho docente” foram agrupados 37 comentários. Nessa categoria estão presentes os comentários que contêm como ideia principal a precarização do trabalho docente, isto é, comentários que reconhecem que o trabalho do professor aumentou durante a pandemia, que as escolas não possuíam estrutura necessária para o retorno das aulas presenciais, como se observa em: “[...] estou trabalhando dobrado em casa, não tenho tempo nem para minha família, quero voltar para escola, porém vacinada. O trabalho remoto não é fácil, estou com 29 alunos na mesma sala, situação igual de muitos professores” (Comentário 57).

Com o advento do distanciamento social, o professor se viu tendo que se adaptar de um dia para o outro para o meio digital, “[...] o novo foi imposto sem preocupação ou respeito às condições sociais, materiais, tecnológicas, logísticas, emocionais e físicas de professores, alunos e famílias” (Insfran et al., 2020, p. 13). Essa mudança repentina escancarou a fragilidade perante as novas condições estabelecidas no mundo do professor. Matos e Faria (2020, p. 300) reiteram que durante a pandemia de Covid-19;

[...] a necessidade de adaptação à modalidade remota, o único meio seguro de continuar as atividades, apresentou-se no âmbito público e privado. A dificuldade de acesso à internet e aos meios tecnológicos; a intensificação de problemas psicológicos como estresse e ansiedade; a falta de interação entre os principais sujeitos, docentes e discentes; o aumento de responsabilidades e do tempo de trabalho e a carência de capacitação constituem alguns dos principais dilemas vivenciados.

A precarização do trabalho docente se tornou mais evidente e intensa durante o período pandêmico, a educação, juntamente com os professores, se viu no dilema de se adaptar à realidade ao mesmo tempo, em que está inserida em uma conjuntura marcada pela desigualdade latente de acesso às tecnologias (Matos & Faria, 2020). Nesse processo de precarização do trabalho docente destacam-se algumas características, que podem explicar os comentários percorridos pelos sujeitos, como apontado abaixo:

[...] sendo o professor um dos principais alvos dos mecanismos de precarização das condições de trabalho, no âmbito educacional, é necessário analisar os elementos mais relevantes que caracterizam o trabalho docente, como espaços de sua atuação, as condições de seu trabalho e de profissionalização, formação, dentre outros aspectos fundamentais, e em especial, qual a relação do seu trabalho com a estrutura social vigente, a fim de buscar possibilidades de uma atuação transformadora e resistente à lógica econômica segregacionista e excludente. (Santos et al., 2021, p. 40)

Conforme os trechos anteriores, pode-se inferir que os comentários foram tecidos por professores que vivenciaram a precarização do seu trabalho, tendo a carga horária ampliada e o modo de trabalhar mudado repentinamente e, por pais que se sensibilizaram com toda essa mudança. Moll (2021), a partir de um estudo que teve como principal objetivo desvelar as representações que professores vêm construindo sobre ser professor no contexto do ensino remoto emergencial imposto pela pandemia da Covid-19 em 2020, apontou elementos como desafio, preocupação e medo, também houve indicação de ausências importantes nesta representação, como solidariedade, vínculos e formação continuada em tecnologia, dialogando, em certa medida, com os resultados presentes nessa categoria.

Na categoria “valorização” estão presentes o total de 23 comentários, os quais apresentam semelhanças, como vislumbrar o professor como profissional que precisa ser respeitado e valorizado, como se observa no comentário abaixo:

[...] penso que agora, nunca mais teremos notícias de pais valentes ou mães barraqueiras querendo bater ou discutir com professores, pois agora estando 24 horas com os anjinhos dentro de casa, já puderam perceber que não é nada fácil ver o que os professores passam com 15, 20, 30 crianças fechados em uma sala e quando o professor chama atenção ou algo assim logo apareciam os pais, mães, tios, vizinhos valentes. Tomara que agora todos aprendam a valorizar mais os professores. Tem que tirar algo de bom em meio a tanta coisa ruim passando! (Comentário 33)

Nesta mesma direção, destaca-se que “[...] enquanto acompanhavam as aulas remotas, foram associadas responsabilidades de cunho pedagógico aos pais. Esta experiência oportunizou a empatia no que diz respeito à atuação do professor, ou seja, a promoção de um olhar de importância ao trabalho do professor” (Lunardi et al., 2021, p. 2). Conforme citado, a experiência pedagógica que os pais passaram durante o período pandêmico pode ter influenciado no sentimento de valorização do professor. Gatti (2020) discorre sobre o processo de reconhecimento e valorização do professor quando;

[...] pensando no professor, trata-se de seu reconhecimento como um trabalhador, uma categoria profissional de forte impacto em aspectos fundamentais da civilização humana. O direito à diferença e ao reconhecimento vêm sendo fortemente afirmados por vários movimentos na sociedade contemporânea. Esses movimentos produzem impactos na educação, especialmente nas disputas relativas aos currículos escolares, portanto na formação dos professores e no seu trabalho. (Gatti, 2020, p. 91)

Com o fechamento abrupto das escolas e, conforme citado anteriormente a respeito de como os professores precisaram se desdobrar do dia para noite para suprir as necessidades do ensino remoto emergencial, muitos familiares com crianças e adolescentes em idade escolar viram e conseguiram se solidarizar e reconhecer a importância do professor em aspectos fundamentais do ensino, tanto no ensino remoto, quanto no presencial.

Na categoria “Isonomia” estão presentes o total de cinco comentários, os quais apresentam semelhanças, como questionar a diferença entre professores do ensino público e do ensino privado no que se diz respeito ao retorno às aulas

presenciais, como se observa no seguinte excerto: “[...] qual a diferença dos professores da rede privada para a pública? Os das escolas privadas irão voltar sem vacina correndo todos os riscos” (Comentário 86).

A pandemia de Covid-19 trouxe severas consequências, inúmeras transformações nas relações sociais e prejuízos tanto nos aspectos econômicos, culturais quanto nos trabalhistas. Dessa maneira, a pandemia escancarou as desigualdades sociais e trabalhistas que já eram presentes no país. Nesse panorama, as relações de trabalho docente foram afetadas de maneira evidente, no modo que, o ensino privado, na sua forma mais capitalista se apropria e se reinventa (Cajaiba & Santos, 2021). Os comentários realizados pelos sujeitos questionando a diferenciação entre professores da rede privada e da rede pública, no que se diz respeito ao retorno das aulas sem a vacinação do grupo, pode ser justificada pela empatia e a percepção da isonomia desses profissionais durante o período pandêmico.

Em suma, as representações do grupo social investigado sobre os professores não são apenas opiniões sobre os professores, são valores de indivíduos partilhados coletivamente durante um período em que todos estavam vivenciando uma experiência única.

[...] os pontos de vista dos indivíduos e grupos são encarados, em seguida, tanto pelo seu caráter de comunicação quanto pelo seu caráter de expressão. Com efeito, as imagens, as opiniões, são comumente apresentadas, estudadas e pensadas tão somente na medida em que traduzem a posição e a escala de valores de um indivíduo ou de uma coletividade. Com efeito, trata-se apenas de uma fatia retirada à substância simbólica longamente elaborada pelos indivíduos e coletividades que, ao modificarem seu modo de ver, tendem a influenciar-se e a modelar-se reciprocamente. (Moscovici, 1978, p. 49)

Ainda segundo Moscovici (1978, p. 62), “uma representação faz circular e reúne experiências, vocabulários, conceitos e condutas que provêm de origens muito diversas”. Atualmente, vivenciando a era digital, as pessoas são confrontadas com inúmeras informações, vindas por todo tipo de local, seja numa conversa com um grupo de pessoas, seja pelas mídias sociais como é o caso desse estudo. Eventos que surgem repentinamente e que afetam os sujeitos de alguma forma os levam a buscar e compreender esses eventos aproximando-os de algo que já são de sua rotina ou conhecimento. Essa compreensão se dá na rotina desses sujeitos, em casa, no ambiente familiar, no trabalho, em comentários em redes sociais, em suma, nas suas relações interpessoais. É de praxe do ser humano procurar explicações para eventos, buscar explicações, realizar julgamento e tomadas de posições (Alves-Mazzotti, 2008).

[...] estas interações sociais vão criando “universos consensuais” no âmbito dos quais as novas representações vão sendo produzidas e comunicadas, passando a fazer parte desse universo não mais como simples opiniões, mas como verdadeiras “teorias” do senso comum, construções esquemáticas que visam dar conta da complexidade do objeto, facilitar a comunicação e orientar condutas. Essas “teorias” ajudam a forjar a identidade grupal e o sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo. (Alves-Mazzotti, 2008, p. 21)

Conforme supracitado, é possível verificar que as interações entre o grupo social nos comentários das matérias que faziam alusão aos professores da página jornalística foco do estudo fomentou espaços para a criação dos ditos “universos consensuais”, representações foram produzidas e passadas adiante. As representações sobre a docência forjaram a identidade do grupo social e o sentimento de pertença desses sujeitos a esse grupo.

| A possível influência da mídia na construção de representações sobre a docência

Ao todo foram analisadas 33 reportagens publicadas entre os anos de 2020 e 2022. Tendo em vista que uma análise pormenorizada de todas as reportagens tornar-se-ia inviável na extensão desse manuscrito, a análise a seguir se restringirá as reportagens com maior expressividade no número de comentários decorrentes.

A reportagem do dia 07 de julho de 2021, intitulada “As aulas na rede estadual nem começaram e já vão paralisar”, suscitou 57 comentários agrupados em cinco categorias, sendo a categoria mais expressiva “Professor não quer trabalhar” (n=43), seguida por “Precarização do trabalho docente” (n=7), “Valorização da docência” (n=4), “Vacinação: não devem ter prioridade” (n=2) e “Vacinação: Prioridade para um retorno seguro” (n=1). É possível verificar que essa reportagem inicia com um tom irônico e enfático: “As aulas na rede estadual nem começaram e já vão paralisar”, dando a entender que os professores não estariam trabalhando remotamente. Desse modo, é possível inferir que as representações construídas e reproduzidas nos textos jornalísticos operaram em articulação com outras representações que reforçam os significados nelas expressos, o que corrobora para a força e recorrência com que esse grupo social manifesta tal representação da classe docente, como nos ensina Jodelet (2001, p. 32):

[...] há representações que cabem em nós como uma luva ou que atravessam os indivíduos: as impostas pela ideologia dominante ou as que estão ligadas a uma condição definida no seio da estrutura social. Mas mesmo nestes casos, a partilha implica uma dinâmica social que explica as especificidades das representações.

A segunda matéria mais expressiva, em termos de quantidade de comentários, trata-se da intitulada “Foi deliberada, nesta quarta-feira (28), greve sanitária por tempo indeterminado nas escolas estaduais de Minas Gerais”, publicada em 29 de julho de 2021. Ao todo, essa reportagem contou com 51 comentários distribuídos nas categorias “Professor não quer trabalhar” (n=47), “Precarização do trabalho docente” (n=2), “Escola como depósito de alunos” (n=1) e “Valorização da docência” (n=1). Os comentários mais expressivos foram da categoria “Professor não quer trabalhar”, o que pode ser explicado pelo modo como as pessoas entendem o conceito de greve não como sendo um direito, mas sim uma desculpa para não trabalhar, como observado no seguinte comentário tecido a partir dessa reportagem:

[...] está fácil demais receber em casa, né? A desculpa era a covid-19, agora vão arrumar greve até pelo motivo dos alunos poderem passarem piolho... Isso

já está virando palhaçada preguiça da classe.... os alunos que se virem. Vai ser a geração mais burra que o planeta já ouviu falar. Três anos sendo jogados fora porque aprendizado mesmo, nenhum. (Comentário 239)

Com os exemplos supracitados é possível inferir que o conteúdo da reportagem pode ter corroborado a representação de que o professor não quer trabalhar, visto que a maioria dos comentários tecidos fazem parte dessa categoria e citam a greve como justificativa para não voltarem a trabalhar.

Outra reportagem expressiva, que contou com comentários que se encaixaram em seis categorias, foi a intitulada “Sindicato vai ao Ministério Público contra a volta das aulas presenciais”, publicada em 31 de janeiro de 2021. As categorias foram: “Professor não quer trabalhar” (n=20), “Vacinação: Não devem ter prioridade” (n=3), “Vacinação: Prioridade para o retorno seguro” (n=2), “Precarização do trabalho docente” (n=2), “Valorização da docência” (n=1) e “Escola como depósito de alunos” (n=1). Ao todo, foram 29 comentários que compuseram as categorias. A categoria mais expressiva de comentários dessa reportagem foi, mais uma vez, “Professor não quer trabalhar”, o que pode ser justificado por informar sobre o sindicato tentar barrar a retomada das aulas presenciais nas escolas de Uberaba. Reportagens que faziam alusões ao sindicato e a tentativa do não retorno dos professores as aulas presenciais visando a segurança da classe foram vistas pelo grupo social em estudo como uma forma dos professores não estarem trabalhando e não quererem retornar.

Jodelet (2001, p. 17) afirma que as representações sociais “circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens midiáticas, cristalizadas em condutas em organizações materiais e espaciais”. A partir dessas informações é possível verificar que a mídia local de Uberaba, durante o período pandêmico, forneceu aporte para a difusão e propagação de certas representações sobre a docência, sendo a mais expressiva a de que os professores não queriam trabalhar e/ou não estavam trabalhando. Para Alexandre (2001, p. 113), “somos bombardeados e envolvidos por informações, através de imagens e sons que, garantidamente, tentam criar, mudar ou cristalizar atitudes, ou opiniões nos indivíduos”.

Na Figura 1 é possível visualizar a relação entre as reportagens e o teor dos comentários tecidos pelos sujeitos. Trata-se de uma árvore que simboliza a influência das mídias sociais em relação a possível criação e estabelecimento das representações sociais. Nessa árvore cada título da reportagem está retratado em um galho com frutos, sendo estes simbolizados por uma esfera colorida que ilustra cada categoria e, ainda, a quantidade de comentários presentes em cada uma delas, ligados a reportagem que suscitou tal comentário.

| Considerações finais

O estudo, aqui relatado, ao investigar as possíveis representações sociais sobre a docência expressas em comentários de um perfil jornalístico de uma rede social virtual, possibilitou sublinhar considerações importantes: ao representarem a docência ressaltando aspectos negativos e desqualificando a profissão, o grupo social centralizou no indivíduo (professor) suas queixas acerca da precarização das condições de vida sentidas durante a pandemia de Covid-19, como se buscasse um culpado para aquela precarização. A partir da análise dos comentários, infere-se que a realidade compartilhada pelo grupo social investigado comporta dualidades como: os docentes são sujeitos que durante a pandemia não quiseram trabalhar e/ou que não trabalharam, mas também há um subgrupo dentro desse grupo social que entende que houve uma ampliação da precarização do trabalho docente.

Por sua vez, ao objetivar identificar o papel da mídia na construção dessas representações sociais, também se destacou, na análise, que o conteúdo das reportagens incidiu sobre como o grupo social representou a docência. Observou-se que a narrativa escolhida para descrever os fatos vivenciados dialogava com as representações sociais observadas nos comentários, o que denota que as mídias sociais atuaram como veículos de difusão e cristalização de representações sociais sobre os professores.

Os resultados obtidos apontam a necessidade de uma melhor compreensão da realidade educacional do país, de modo a suprimir visões ingênuas que centralizam a causa das mazelas nos professores e desconsideram a trama que alicerça essa profissão e sua atuação, especialmente em um contexto de precarização da vida, um período de desafios sem precedentes, como o observado durante a pandemia de Covid-19.

| Referências


- Alexandre, M. (2001). O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, 6(17), 111-125.
<https://dialeticas.com/wp-content/uploads/2020/09/opapel-1.pdf>
- Almeida, A. M. de O. (2005). A pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. Em M. F. S. Santos, & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a teoria das representações sociais* (pp. 119-160). UFPE.
- Almeida, M. I., & Pimenta, S. G. A. (2011). Construção da pedagogia universitária no âmbito da Universidade de São Paulo. Em S. G. Pimenta, & M. I. Almeida. *Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores* (pp. 19-43). Cortez.
- Alves-Mazzotti, A. J. (2008). Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. *Múltiplas Leituras*, 1(1), 18-43.
<https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.14i61.1944>
- Arruda, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, (117), 127-147. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>
- Barbosa, A. L. N. H., Costa, J. S., & Hecksher, M. (2020). Mercado de Trabalho e Pandemia da Covid-19: ampliação de desigualdades já existentes?. *Boletim Mercado de Trabalho – Conjuntura e Análise* (Especial Covid-19), (69), 55-63.
<http://doi.org/10.38116/bmt69/notastecnicas1>
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa edições.
- Cajaiba, J. B. M., & Santos, A. R. (2021). Precarização do trabalho docente em tempos de pandemia e as implicações do capitalismo. Anais do V Congresso Nacional Movimentos Sociais & Educação, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/viewFile/10044/9852>
- Fragoso, S., Recuero, R., & Amaral, A. (2011). *Métodos de pesquisa para internet*. Meridional.
- Gatti, B. (2020). Perspectivas da Formação de Professores para o Magistério na Educação Básica: a relação teoria e prática e o lugar das práticas. *Revista da Faeeba – Educação e Contemporaneidade*, 57(29), 15-28.
<http://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2020.v29.n57.p15-28>
- Guareschi, P. (2000). Representações sociais: avanços teóricos e epistemológicos. *Temas em Psicologia*, 8(3), 249-256. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2000000300004&lng=pt&nrm=iso
- Insfran, F. F. N., Prado, P. A., Faria, S. E. F., Ladeira, T. A., Sentinelli, T. A. & Barcellos Junior, W. (2020). A Pandemia da Covid-19 como vitrine da Precarização do Trabalho Docente e da Educação: Desafios para o Ensino em uma Democracia Fragilizada. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, 6(4), 163-184. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/52309/35768>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2023). *Censo Demográfico 2022 – População e domicílios: Primeiros resultados*.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102011.pdf>
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. Em D. Jodelet (Org.). *As representações sociais* (pp. 17- 44). UERJ.
- Libâneo, J. C. (2012). O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. *Educação e Pesquisa*, 38(1), 13-28. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011005000001>
- Lunardi, N. M. S. S., Nascimento, A., Sousa, J. B., Silva, N. R. M., Pereira, T. G. N. & Fernandes, J. S. G. (2021). Aulas Remotas Durante a Pandemia: dificuldades e estratégias utilizadas por pais. *Educação & Realidade*, 46(2), 2-22. <http://doi.org/10.1590/2175-6236106662>

- Matos, B. S. & Faria, C. S. D. (2020). Precarização do trabalho docente na rede pública de educação básica: neoliberalismo e tempos de pandemia. *Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 3. Região*, 66(102), 299-314. <https://as1.trt3.jus.br/bd-trt3/handle/11103/70651>
- Milanez, P. R. (2008). Mídia e representações sociais: uma perspectiva de apreensão da realidade social. *Revista Três Pontos*, 5(2), 91-98. https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3241/2024_
- Minayo, M. C. S. (2002). Ciência, Técnica e Arte: O desafio da Pesquisa Social. Em M. C. S. Minayo. *Pesquisa Social* (pp. 7-67). Vozes.
- Miranda, C. L. M., Placco, V. N. S. & Rezende, D. B. (2019). As representações sociais de docência e a constituição identitária de licenciandos em Química. *Revista Educação em Questão*, 57(54), 1-25. <http://doi.org/10.21680/1981-1802.2019v57n54id18085>
- Moll, S. G. (2021). *Docência no contexto da pandemia da covid-19 em 2020: possíveis representações de professores sobre seu trabalho*. [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório Institucional da PUC-SP. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23865>
- Moscovici, S. (1978). *A Representação Social da Psicanálise*. ZAHAR.
- Ortiz, A. J., & Magalhães Júnior, C. A. O. (2018). Representações Sociais e Formação de Professores: reflexões. Em C. A. Magalhães Júnior (Org.). *Representações sociais, formação de professores e educação* (pp. 27-45). Bonecker.
- Pires-Brito, S. B., Braga, I. O., Cunha, C. C., Palácio, M. A. V., & Takenami, I. (2020). Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. *Vigilância Sanitária em Debate*, 8(2), 254-63. <http://doi.org/10.22239/2317-269x.01531>.
- Santos, R. G. B., Fernandes, C. S., Gomes, J. G. H., Farias, J. H., & Silva, C. N. N. (2021). Processos de precarização do trabalho docente em tempos de pandemia da Covid-19: uma análise a partir de uma noção ontológica e histórica do trabalho. *Revista Labor*, 1(26), 33-53. <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/71595/197526>
- Saviani, D., & Galvão, A. C. (2021). Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. *Universidade e sociedade: projeto da Andes-Sindicato Nacional*, 31, (67), 36-49. https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf
- Silva, L. L. S., Lima, A. F. R., Polli, D. A., Razia, P. F. S., Pavão, L. F. A., Cavalcanti, M. A. F. H., & Toscano, C. M. (2020). Medidas de distanciamento social para o enfrentamento da COVID-19 no Brasil: caracterização e análise epidemiológica por estado. *Cadernos de Saúde Pública*, 36(9). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00185020>
- Silva, S. O. R., & Ichikawa, E. Y. (2019). A mídia e as representações sociais: os conflitos e as resistências para a reconquista e demarcação de terras guarani no oeste do paraná. *Anais do VII Encontro Anual de Inicia o Científica*, Maringá, Paraná, Brasil. <http://www.eaic.uem.br/eaic2019/anais/artigos/3566.pdf>

Sobre as autoras

Luiza Souza dos Santos


Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil

 <https://orcid.org/0009-0008-9488-6493>

Mestre em Educação em Ciências e Matemática pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (2024). Pesquisadora do Núcleo de estudos sobre Educação em Ciências, Formação Docente e Representação Social (NUFORMARS) e do Laboratório de Meio Ambiente, Ciência e Educação (LAMACE). E-mail: luizzasouza95@gmail.com

Camila Lima Miranda

Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, MG, Brasil

 <https://orcid.org/0000-0002-3809-2882>

Doutora em Ciências (Modalidade Ensino de Química) pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Ensino de Ciências da Universidade de São Paulo (2018). Professora Adjunta da Universidade Federal do Triângulo Mineiro no curso de Licenciatura em Educação do Campo e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática. Líder do Núcleo de estudos sobre Educação em Ciências, Formação Docente e Representação Social (NUFORMARS). E-mail: camilamiranda.clm@gmail.com

Contribuição na elaboração do texto: autora 1 – Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Validação, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição; autora 2 – Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração de projetos, Supervisão, Validação, Visualização, Escrita – rascunho original, Escrita – revisão e edição.

| Resúmen

El manuscrito relata una investigación que tuvo como objetivo comprender las posibles representaciones sociales sobre la enseñanza expresadas en una red social, identificando el papel de los medios de comunicación en la construcción de esas representaciones. La información fue recopilada de un perfil periodístico de la ciudad de Uberaba (Minas Gerais). Se seleccionaron 1.163 comentarios y se analizaron 319 relacionados con docentes. Como resultado, los docentes fueron retratados como profesionales que no quieren o no les gusta trabajar, que cobran sin ejercer su profesión y que no deberían tener prioridad de vacunación antes que otras profesiones. También fue posible comprender que el contenido de los relatos influyó en cómo el grupo social de usuarios de este perfil representaba la enseñanza.

Palabras clave: Representación Social. Enseñanza. Red Social. Pandemia.

| Abstract

The manuscript reports on research that aimed to understand the possible social representations about teaching expressed on a social network, identifying the role of the media in the construction of these social representations. The information was collected from a journalistic profile in the city of Uberaba (Minas Gerais). 1163 comments were selected and 319 related to teachers were analyzed. As a result, teachers were portrayed as professionals who do not want or like to work, who are paid without practicing their profession and who should not have priority for vaccination before other professions. It was also possible to understand that the

content of the reports influenced how the social group of users of this profile represented teaching.

Keywords: Social Representation. Teaching. Social Network. Pandemic.

Linhas Críticas | Periódico científico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil
ISSN eletrônico: 1981-0431 | ISSN: 1516-4896
<http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas>



Referência completa (APA): Santos, L. S. dos, & Miranda, C. L. (2025). Representações sociais de docência fomentadas pela mídia durante a pandemia de Covid-19. *Linhas Críticas*, 31, e54959. <https://doi.org/10.26512/lc31202554959>

Referência completa (ABNT): SANTOS, L. S. dos; MIRANDA, C. L. Representações sociais de docência fomentadas pela mídia durante a pandemia de Covid-19. *Linhas Críticas*, 31, e54959, 2025. DOI: <https://doi.org/10.26512/lc31202554959>



Link alternativo: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/54959>

As opiniões e informações expressas neste manuscrito são de responsabilidade exclusiva dos autores e não refletem necessariamente as posições da revista Linhas Críticas, de seus editores ou da Universidade de Brasília.

Os autores são os detentores dos direitos autorais deste manuscrito, com o direito de primeira publicação reservado à revista Linhas Críticas, que o distribui em acesso aberto sob os termos e condições da licença Creative Commons Attribution (CC BY 4.0): <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>